

FIOS QUE TECEM O PROCESSO MIGRATÓRIO INTERNACIONAL: TRABALHADORES BRASILEIROS NA ITÁLIA¹

João Carlos Tedesco²

Resumo. O texto é fruto de uma pesquisa que estamos fazendo no norte e nordeste da Itália sobre a realidade da emigração de trabalhadores brasileiros. Analisa aspectos que constituem o processo migratório internacional na atualidade, dentre os quais os que envolvem as questões em torno do trabalho, da marginalidade social, das políticas públicas de controle migratório, da integração sócio-cultural, da hospitalidade, da vida cotidiana etc. Queremos mostrar que há um conjunto de aspectos pouco visíveis e que materializam relações e processos sociais pouco edificantes no cotidiano dos imigrantes.

Palavras-chave: imigração, trabalho, hospitalidade.

Threads that weave the international migration process: Brazilian workers in Italy

Abstract. This article is the result of a research conducted in Northern and Northeastern Italy about the reality of the Brazilian workers' emigration. It analyses some aspects of the international migratory process today, such as the ones involving related issues to work, social outcasting, public policies of migratory control, socio-cultural integration, hospitality, everyday life, etc. Our aim is to show that there is a group of less visible aspects that produce less edifying relationships and social processes in the everyday life of the immigrants.

Key-words: immigration, work, hospitality.

¹ O presente texto é parte de uma pesquisa que estamos desenvolvendo intitulada L'ultima America: emigrazione postbellica in Brasile e Argentina. Studi provinciali di caso (Verona e Vicenza) su partenze, permanenze e "rimpatri", 1945 – 2005. O referido projeto foi gentilmente financiado pela Fondazione Cariverona da Banca Unicredit di Verona e é coordenado pelo Prof. Dr. Emilio Franzina da Università degli Studi di Verona. Agradecemos a Università degli Studi di Verona, - Dipartimento de História Contemporânea – pela acolhida e auxílio acadêmico.

² Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Professor da Universidade de Passo Fundo.

1 Considerações iniciais

Não dá pra deixar de mencionar de início que o inédito na realidade atual é que o Brasil está se tornando um país de emigrantes. Dados atuais estimam que em torno de 3,5 milhões de brasileiros estão fora de seu local de nascimento e de seus maiores vínculos familiares (Jornal *Zero Hora*, 20/05/07, p. 4).

Entre 1980 e 1990, o Brasil experimentou uma perda líquida de 1 milhão e 800 mil pessoas por meio dos fluxos internacionais: 1.050 mil homens e 750 mil mulheres.³ Algo que chama a atenção é o fato das remessas financeiras dos imigrantes já terem superado as receitas financeiras da exportação de soja, ou seja, 7,4 bilhões de dólares de remessas contra 5,7 bilhões obtidos com a venda do produto em 2006. Porém, esse é um lado do processo, o que causa impacto financeiro, injeta dinheiro sem muito custo na economia brasileira, demonstra a importância econômica dos imigrantes. No entanto, pode também esconder, negligenciar e/ou minimizar outras realidades, talvez, pouco edificantes que o processo migratório internacional apresenta.

Sabemos que os fenômenos migratórios são processos históricos que transcendem o tempo, o espaço e as fronteiras em suas várias dimensões, produzem outros tempos, outros espaços e outras fronteiras; são realidades governadas não só pela oferta e demanda, mas são fenômenos sociais, históricos, culturais, identitários e antropológicos. Entendemos que possa haver uma infinidade de razões (individuais, estruturais, econômicas e políticas, os cenários rural e urbano, o interior de cada país ou outros confins culturais, tanto de saída quanto de destino). Os fatores propulsores das (e) migrações não são muito diferentes dos das migrações internas. Explicações monolíticas sejam elas estruturais, do capital humano, neoclássicas, das *networks*, ou qualquer outra nos parece serem pouco frutíferas se forem vistas isoladas e auto-centradas.

Só para termos uma idéia, estima-se, segundo a ONU, que nesse início do século XXI, 120 milhões de pessoas estejam vivendo num país diferente do de origem; projeta-se em 230 milhões para 2030; fala-se na existência entre 24 e 40 milhões de clandestinos no mundo. Porém, autores fazem questão de enfatizar a debilidade em termos de credibilidade dos dados principalmente em torno do fato de que há

³ Jornal Folha de São Paulo. São Paulo, 04, jul., 2004.

uma mobilidade temporal sazonal de grandes contingentes, o fato de muitas migrações serem pendulares, a questão dos refugiados, dos clandestinos, das fronteiras secas em que os controles e os vai-e-vem não permitem mensurar nem controlar em termos políticos e públicos, bem como estatísticos (FAINI, 2005).

A migração internacional intensificou-se, refletindo mais profundamente as desigualdades econômicas e demográficas entre países e regiões; ganhou contornos de ordem política (exilados, refugiados, políticas restritivas de fronteiras, discussões sobre integração cultural e convivência democrática em termos de direitos, oportunidades e cidadania). Evidenciam-se discussões no sentido de mostrar que as migrações internacionais não possuem só o lado instrumental, principalmente econômico e expresso nas formas de trabalho; as dimensões culturais, sociais e antropológicas *caminham* juntas no processo e não podem ser descuidadas. O migrante se desloca de um local para outro; desloca seus ritos, tradições e valores, é pressionado a incorporar os de outros. Essa dupla identidade constitui a figura sócio-cultural do estrangeiro. Esses são alguns dos aspectos que, sinteticamente, queremos enfatizar no presente texto.

2 Uma Itália atrativa

Estima-se que, atualmente, em torno de 200 nacionalidades estejam presentes na Itália (CARITAS, 2005); há uma circulação internacional de imigrantes como jamais vista. A esfera política já se mostrou pouco eficaz para controlar o processo migratório. No caso específico de brasileiros no referido país, os dados estimados pelo Ministério das Relações Exteriores indicam, para regulares e irregulares, em torno de 140 mil (Jornal *Zero Hora*, 20/06/07, p. 5). Há um significado político e cultural que se altera e chama a atenção no país devido ao fato do mesmo ter sido até então uma nação acostumada a se pensar e ser vista como terra de oportunidades para outros, formada com a intensa contribuição do trabalho estrangeiro e, nos últimos anos, esse vetor vem se alterando: de um país de emigração à *expulsão*.

O caso italiano, para emigrantes brasileiros, pode ser considerado bastante recente, principalmente em termos de impacto, de opção de imigrantes pelo país e por identificar certas características de correspondência étnico-cultural, incentivadas, em grande parte, pelo país de origem em razão de algumas leis e políticas deliberadas para *trans-*

fronteirizar determinados grupos regionais como é o caso de vênetos, trentinos e lombardos.

Segundo alguns autores, na Itália, a imigração não foi ainda explicitamente reconhecida como fenômeno; não foi explicitamente encorajada; não foi ainda enquadrada e disciplinada no âmbito de uma política orgânica, estruturada e debatida socialmente. Autores colocam que sempre houve um "complexo de pobreza" na Itália, ou seja, num país que não havia necessidade de imigrantes - pois os havia para exportar - a imigração apareceu como algo patológico a evitar e não a reconhecer. É por isso que a imigração na Itália ganha uma conotação ambivalente entre a recepção *humanitária* e a recorrentes fenômenos de recusa (AMBROSINI, 2000).

Na Itália do novo milênio se difunde uma imagem de uma "síndrome de cercamento" ocasionada pelos imigrantes. Essa representação está estampada nas imagens televisivas das barcas que continuam a "descarregar homens", não só na costa da Puglia, mas também na Sicília. Os fluxos são intensos. No caso da imigração até 2003, teriam chegado ao país, num intervalo de 25 anos, em torno de 2 milhões e 600 mil estrangeiros (a França levou um século e meio para atingir esse número) (GIUSTINIANI, 2003). Desse modo, talvez, não seja o número que assusta tanto os italianos, mas, sim, sua intensidade num curto espaço de tempo. Ambrosini adverte que esse processo cria um impacto muito grande, uma percepção sobre a imigração, uma representação social no imaginário coletivo relacionada a perigo e de reduzido controle social e público (AMBROSINI, 2001).

Sabemos que em 2002 a Itália regularizou 635 mil trabalhadores extra-comunitários sobre uma solicitação de 702 mil; desse total, 30 a 39% de mulheres; em 2004 foram autorizados para trabalho mais de 79.500 novos ingressos, desses 50 mil para atividades sazonais. Com isso queremos dizer que havia um contingente irregular e clandestino muito alto e que as atividades sazonais que, em geral, são regularizadas por contratos temporários, funcionam como grande estratégia para entrar e permanecer. Estima-se (dados do Istat) a existência, em 2004, de 1.899.000 famílias italianas que solicitaram auxílio doméstico; calcula-se que em 73% dessas famílias haja presença de estrangeiros. Essas atividades, em geral, ganham características de informais, precarizadas e de remuneração baixa, não obstante conservam grande aceitação e atração por parte de imigrantes.

3 Convivência, cidadania e culturas

No horizonte da hospitalidade, as idéias de acolhida, de prestar serviços e de gratuidade estão presentes como condição de protagonistas e de encontros de alguém que recebe e é recebido, como uma relação de proximidade que abraça a aventura da descoberta, da superação de nós mesmos (DUFOURMANTELLE, 2003). Como diz Levinas, é necessário reconstituir uma dimensão ética da hospitalidade, uma consciência de um destino comum e o sentido de responsabilidade que motiva a ação solidária ainda que isso represente sempre um risco, uma incomodidade, uma exposição, uma vulnerabilidade. Mas isso não significa passividade ou indiferença. Acolher o outro como hóspede significa que aceitamos recebê-lo em nosso território, em nossa casa, colocando à sua disposição o melhor do que temos e possuímos. Contudo, nossa casa continua a ser isso mesmo, a nossa casa. Do mesmo modo, o outro mantém a liberdade de forasteiro, continuando a seduzir-nos com sua exterioridade e seu segredo (LEVINAS, 1980).

Ianni (2000), já dizia que a viagem, em suas metáforas, é sempre uma ultrapassagem de fronteiras, uma descoberta do *outro* como condição para descobrirmos o *eu*, é uma ultrapassagem ao desconhecido para tornar-se desconhecido e conhecer-se melhor, criando e dissolvendo fronteiras, desvendando alteridades, recriando alteridades e descobrindo a pluralidade como valor.

Não temos dúvida de que a dinâmica econômica e de trabalho nas sociedades européias tem necessidade dos imigrantes. Se ficássemos só no âmbito do trabalho, algumas análises são enfáticas em dizer que os imigrantes desenvolvem trabalhos com os três *d* (*dirty, dangerous, demarding*, ou seja, *sporchi, pericolosi e duri*; ou, então com três *p*: *precari, pesanti e penalizzanti* socialmente); atuam em mercados de trabalhos segmentados, ao mesmo tempo têm revitalizado muitos setores produtivos (pesca, floricultura, agroindústrias, agricultura), promovem complementaridades entre a oferta de trabalho estrangeiro e nacional. É dito também que são dadas preferências aos imigrantes clandestinos, pois frente a irregularidade podem ser expulsos, não possuem tutela jurídica, ganham menos, tornam-se mais dependentes etc.

O clandestino/irregular continua sendo visto pela sociedade hospedeira como invasor, provocador de insegurança, passível de produzir racismo e discriminação. Nesse sentido, o “pericolo

immigrazione”, tão desenvolvido na Itália, associado à criminalidade se alimenta principalmente pelas questões ligadas ao desembarque de clandestinos na costa marítima italiana, pela pobreza, estilo de vida empreendido, infrações e micro-criminalidade (furtos, atentados ao pudor e a ordem pública), sujeira, bebedeira, pobreza, hábitos alimentares estranhos etc. Há uma nítida relação entre pobres com ameaça, inimigos da civilização, membros das “classes perigosas”; a noção de extra-comunitário aparece e é desenvolvida carregada desses *atributos*.⁴

Diz Palidda (1998) que, após a derrocada do comunismo, ou seja, da tradicional ameaça à ordem internacional por décadas no século XX, as novas ameaças do século XXI, objeto da ação da polícia, são os imigrantes, as máfias, os terrorismos. O estigma da imigração produz, além de uma série de imagens, representações, simbologias, ações de estranhamento e racismo, práticas políticas e aplicação elástica e radical de normas e procedimentos de regularização, controles sociais endógeno.

Deduzidos dessa situação, ficam fragilizados os mecanismos de integração sócio-cultural entre imigrantes e com o espaço hospedeiro; desenvolvem-se mais os efeitos de isolamento, discriminação, fechamento cultural, conservadorismo, *guetização* marginalizante, impermeabilidades de universos simbólicos que constituem suas culturas.⁵

Na visão de Koltai (1998), os laços sociais se constituem sob a ótica do obstáculo, de um laço trágico, pois o outro é sempre um suspeito, alguém que quer nos invadir, provocar dúvidas, ocupar lugar, usufruir. Por isso que acolher o estrangeiro é adentrar para o risco do novo, do diferente, do questionamento de nós mesmos, de descobrir verdades escondidas. Formamos grupos de pertencimentos de uma forma informal e, nesse horizonte de proximidade e aceitação/integração, determinamos quem são os estrangeiros, quem deve ficar fora. Por isso que a segregação e o racismo, além de serem expressão de um mal-estar social, é expressão de segurança de grupos, de coerência identitária e, numa sociedade que se fecha em sua própria identifica-

⁴ O livro “Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena com unidade” (ELIAS e SCOTSON 2000), ainda que em contextos e situações diversas, nos auxilia em muito na compreensão desses processos.

⁵ A falta de lazer e de integração para e entre os imigrantes na região do Vêneto é expressão disso. É comum encontrar milhares de albaneses, no domingo, em frente as estações ferroviárias. Os nigerianos encontram-se mais nos bares e lojas da Rua XX Setembro em Verona. Ou seja, constituem-se espaços identificados com determinadas culturas que, na ausência de possibilidade de manifestação ritualística e simbólica de sua cultura no país hospedeiro, encontram-se para conversar, comer, beber e constituir, ainda que incipiente, uma vida afetiva, nostálgica e integrativa entre os *seus*.

ção, o estrangeiro representa uma recusa. Rousseau já dizia que é mais fácil não ter medo do outro quando o dominamos ou quando o acorrentamos. A noção de segregação vem carregada do sentido de separação, “separar o rebanho”; podemos aceitar e amar o outro como amamos anos mesmos (para utilizar o axioma bíblico) desde que o próximo não esteja próximo, esteja o mais longe possível, não se misture a nós.

O estrangeiro é visto como o outro, enraizado em outro país, lugar, língua, família etc, é de outra parte, distante, desconhecido, que provoca medo por ser desconhecido, um corpo estranho pertencente a um corpo biológico e cultural que deve ser eliminado, controlado, subordinado, inferiorizado.

O grande conflito, por exemplo, que se arrastou por semanas nos subúrbios de Paris em torno de revoltas de imigrantes, em vários meses de 2006 e recentemente por ocasião da eleição do novo presidente Sarkozy, é expressivo dessa *gueticização marginalizada* fruto de processos de uma sociedade de consumo que os aliena pela não inserção equânime e democrática, de uma modernidade que desenvolve valores e identificações sociais aos que se inserem em determinadas esferas de apropriação e satisfazem determinados desejos, fruto, também, de lutas sociais mundiais por direitos constituídos (civis, políticos, de gênero, de raças, de etnias, de descendência, de cidadania em geral) e a consciência da discriminação e da precarização numa sociedade (em grande parte produto dela) considerada de primeiro mundo e avançada. Incendiar carros simboliza destruir um dos ícones que identifica o bem viver numa sociedade de classes, identifica as pessoas e as classifica; significa destruir uma propriedade visível e potente, ao mesmo tempo, imensamente frágil e de aproximação fácil.

A consciência da alienação do mundo moderno passa por outras variáveis além das já tornadas clássicas por teóricos modernos críticos do modo de produção em questão; passa pelo direito ao reconhecimento e a integração social, pela inserção de políticas públicas e de vínculo participativo social e, não só de desfruteamento de mão-de-obra e maximização do fator trabalho, consumo e imobiliário.

Concordamos com Basso (2000) quando diz que há nessa questão do relacionamento inter-étnico, inter-religioso e internacionalidades, agudas tensões, mais ou menos subterrâneas, expressão do estado de concorrência existente no mercado de trabalho, entre imigrantes e instituições estatais, entre italianos e uma sociedade hospedeira que se torna cada vez mais pluri-nacional e pluri-racial, porém

sem nenhuma, ou com muito pouca harmonia e igualdade entre nações, etnias, raças, culturas e história.

No caso da dupla cidadania para descendentes de italiano, o que se apresenta é uma cidadania de reserva, é um *familismo legal*, de distantes raízes, as quais não garantem uma persistente integração cultural e política e, também, não se exige isso para sua efetivação jurídica (ZINCONI, 2006). Ou seja, não há projetos de envolvimento cultural de sentimento de pertença, uma comum identidade; é apenas uma oportunidade instrumental para o mundo do trabalho, para passagem para outros países de mercado de trabalho mais promissor (EUA por exemplo).

Entendemos que a Itália se move como se fosse ainda um país de emigração, interessada em recuperar emigrantes italianos no estrangeiro como componentes por inteiros da própria comunidade política. Esse processo carrega problemas jurídicos, culturais e de convívio de difícil resolução, principalmente no campo da discriminação.

O *etiquetamento* do imigrante como perigoso, como delinqüente potencial por exemplo, além de produzir um alarme social, contribui em muito para que efetivamente o mesmo se realize em razão da repressão, discriminação, hostilidade e estereótipos, representações do senso comum prevalentes no interior e no exterior ao sistema judiciário (VITIELLO, 2000).

Em 2003 o Istat fez uma pesquisa sobre a questão da segurança e criminalidade na Itália. Alguns dos resultados demonstram que há em evidência o “perigo imigração”. De uma população pesquisada acima de 14 anos, 27% têm medo de sair de noite, 25,5% evitam fazê-lo por medo, 12% se sentem inseguros até dentro da própria casa (GOLINI, 2005).

A presença de imigrantes nos institutos penais aumentou de 15% em 1991 para 32% em 2003. Nos cárceres para menores, a presença de rapazes estrangeiros já chega a 80% em 2003. Na Itália, a taxa de encarceramento dos imigrantes é 17 vezes maior do que os autóctones; 40% dos denunciados por furto são estrangeiros, 65% daqueles por prostituição. Homicídios e violência sexual, em geral, são cometidos entre co-nacionais também. As novas regras da lei Bossi-Fini de 2002 tornou mais difícil a convivência e a permanência dos irregulares e clandestinos. Para Pastore (2004), vigora com isso uma grande tendência com as novas regras de clandestinizar os regulares mais do que regularizar os clandestinos.

Muitas análises enfatizam o fato de que os estrangeiros são considerados inimigos públicos, ameaçam a segurança da vida cotidiana. A mídia utiliza a noção de alarme social e estigmatização, idéia de potencialmente ameaçador, guetecizando comunidades estrangeiras, relacionado-as com pobreza, racismo (VITIELLO, 2000, p. 179).

Evidencia-se a adoção de políticas sempre mais restritivas e um eloqüente fechamento da Europa no que corresponde aos estrangeiros; hostilidade simbólica e material, dando lugar a uma *cultura da emergência* e do fechamento em relação aos estrangeiros, tornando-os, na opinião pública, a causa da crise social e do medo coletivo; a diversidade vista com hostilidade; fazem ver a imigração como patologia, como problema. O país jogou sobre os estrangeiros a culpa pela incapacidade de afrontar os fenômenos migratórios, criando com isso uma barreira política, uma imagem de clandestino e/ou de clandestinizado, do extra-comunitário profundamente negativa (DAL LAGO, 2002). A dita “máquina do medo”, da contaminação da mistura de grupos doentios, produz *doenças extracomunitárias*, patologização do estrangeiro.

Os imigrantes são pessoas que atravessam múltiplas fronteiras; em geral, por isso, não são vistos como pessoas que têm projetos, desejos de ir e voltar, permanecer e reconstruir suas vidas. A centralidade da força de trabalho ao que nos parece é que conta.

O recurso à mão-de-obra imigrante reflete, também, interesses e estratégias de atores econômicos e da sociedade hospedeira. Não podemos esquecer que o espaço de trabalho em geral dos imigrantes está nas pequenas e médias empresas, as quais devem reagir aos desafios da concorrência; os operadores da *economia submersa* não ficam para trás, precisam desses fluxos para garantir as redes internacionais de suas ações; o sistema de *welfare* conta com esse contingente de contribuintes, as famílias que devem dar conta de inúmeras demandas sociais, as mulheres profissionalizadas dos países hospedeiros que acumulam papéis domésticos e extra-domésticos, os jovens que buscam trabalho reconhecidos. Enfim, há um conjunto de setores e atividades que ganharam dinamismo com os novos fluxos (turismo, agricultura, restaurantes, hotéis, comércio ambulante, dentre vários outros). O setor exportador, por exemplo, é alimentado produtos de uma sociedade multi-racial, multi-étnica, multi-cultural, multi-lingüística e multi-religiosa, ainda que para isso promova relações de trabalho nos países de chegada dos fluxos nas dimensões conhecidas como precárias, pesadas, perigosas, pouco pagas e penalizadas socialmente (MELOTTI, 2004). É por isso que defendemos que os benefícios eco-

nômicos, muitas vezes, subsumem ou escondem os problemas sociais das emigrações nos espaços de origem para famílias, principalmente em termos de gerenciamento, afetividade, contatos familiares, parentesco, mudanças culturais, etc.

4 Produção de imaginários

O imaginário do estrangeiro foi produzido comumente numa dimensão negativa, ambivalente e estranha; habita mundos diversos e, muitas vezes, quase que simultaneamente. Produziu-se no imaginário de algumas nações empobrecidas a simbologia de uma Europa de benesses, de idealização da cultura do Ocidente (de uma cultura aberta, livre, consumista), de tranqüilidade política, de riqueza. No entanto, pouco se falou e se fala que grande parte disso tudo, ainda que exista, só é alcançável para um pequeno grupo social!

Há uma ideologia das migrações internacionais que se alimenta e produz uma idéia de uma vida melhor sempre fora do país, de ascensão social, independente dos horizontes concretos das relações sociais que se apresentam. Imagens, imaginários, símbolos, rótulos e desejos vão sendo produzidos pelo mundo globalizado tanto no sentido de atração quanto de resistência à inserção. Isso se reflete nos fluxos, na tentativa de seleção dos mesmos. Não temos a menor dúvida que os fenômenos mercantis da globalização econômica financeira, tecnológica, midiática e turística estejam influenciando. As identidades e identificações que são produzidas no interior das sociedades hospedeiras se constroem ou reconstroem pelos autóctones e estrangeiros também a partir desses referenciais simbólicos.

É por isso que a memória coletiva manifesta um conjunto de representações do passado que permanecem conservadas e transmitidas entre seus membros, pela sua função prática de integração. Daí advém a idéia de *pertencer*. Pertencer dá idéia de uma ressonância moral, de vizinhança, de compartilhar do mesmo sangue, do mesmo espaço, de uma *contratualidade* cultural e simbólica acima de tudo, de cooperação solidária, afetiva e parental, identidade coletiva, genealógica, política (através da língua, do dialeto, da origem, da cultura).

A idéia de pertencimento carrega consigo a necessidade de ancorar o grupo/comunidade a algo que de garantia de continuidade, de eternidade tanto para o futuro quanto para o passado ainda que esse processo possua uma base histórico-temporal de curta duração e uma tradição não de base comum como é caso de Vênetos, ou seja, nem todos os vênnetos são iguais, mesmo em termos dialetais.

O pertencer pode se dar pela simples identificação identitária, cultural, imaginária e, sua temporalidade se altera e se entrecruza. Acreditamos, porém, que há sempre interação de uma “situação de contemporaneidade” que, no caso, é expressa pelo fato de ser descendente de italiano, falar o dialeto, enfrentar os mesmos desafios culturais e físicos, “migrar sem nada”, “trouxemos de lá muito do que temos aqui”, ou insistir em falar no genérico “cultura italiana” em vez de “cultura de descendentes de italianos no Brasil”. É por isso que se sentir *pertencendo* carrega uma simbologia que une indivíduo a uma totalidade histórico-cultural e temporal.

As noções de comunidade e de proximidade são importantes para tornar legítimo o espaço da memória - daí os muitos *gemellaggios!* Desse modo, a memória coletiva é caracterizada por um intenso componente afetivo. Esse nasce da estreita interação e seu conseqüente intercâmbio de experiências entre os membros de grupos presumivelmente em pertencimento.

Identidade e memória coletiva são representações de uma origem e pertencimento grupal, espacial e, em parte, sanguíneo (dimensão cultural e, muito pouco, biológica!), lingüístico e culturalmente diferente. Nesse processo de *naturalização* da identidade étnica, a memória exerce um papel importante através da manifestação de símbolos evocativos de pertencimento, de seleção, de esquecimento, ou melhor, de uma construção de memória em questão, de representação que são ativadas e provocadas num cenário onde existem simbologias de etnicidade e vontades manifestas de estabelecerem diferenças. A dimensão épica e ufanista da memória étnica colabora para fortalecer essas representações.

Desse modo, lidar com imaginário e representações é atribuir uma ordem simbólica ao real. A realidade não é só o que aconteceu, mas também o que foi pensado, ou o que se desejou que acontecesse. O imaginário comporta sempre uma ligação com a terra e com a dimensão utópica, ao mesmo tempo em que pode atuar como força reguladora da vida coletiva.⁶

5 Hospitalidade e integração

O estrangeiro vive uma cultura ambígua. Aquele que opta pela cidadania italiana também não é diferente, pois essa opção é demandada para “facilitar a vida”, “sensação de pertencimento”, *cida-*

⁶ Ver Avens (1993) e também, Baczko (1985).

dania de passagem, profundamente pragmática, não sendo uma fonte propiciadora de integração. A idéia de integração não reflete um sentimento de pertencimento. Como a dupla cidadania é obtida, como já falamos, a partir de alguns requisitos considerados legais, ganha conotação burocrática, sem tanta ligação e integração com o país que não é mais hospedeiro (agora juridicamente, o duplo cidadão é também membro); é uma espécie de pertencimento formal do âmbito nacional, diria até uma maneira institucional de como não se tornar italiano, uma espécie de uma volta dos que não foram.

Sabemos que a imigração não é uma situação, um processo homogêneo em vários sentidos, principalmente no campo da integração social, política, na adaptação, na assimilação; não está desvinculada da sociedade hospedeira, de seus sistemas de acolhimento, de seus atores coletivos (Estado, Igreja, sindicatos, famílias, redes assistenciais informais, ONGs etc.), de suas associações, de seus recursos culturais e de memória social e individual.

Hospitalidade se relaciona com hóspede que, por sua vez, em seu sentido latino correlaciona com hostil, inimigo, desconhecido, inquietude. No fundo, sempre que adentramos por um local estranho, produzimos estranhezas, inquietudes, mal-estar, possível sentimento e prática de hostilidade; só a familiarização que vai aos poucos acontecendo pode romper com isso, afinal o estranho/estrangeiro pertence a outra família, a outra nação, a um outro solo e sangue; ele é um não-cidadão passível de receber hostilidade em vez de hospitalidade.

Como diz Dufourmantelle (2003), uma reflexão sobre a hospitalidade nas condições atuais, pressupõe uma delimitação das fronteiras entre o familiar e o não-familiar, entre o estrangeiro e o não-estrangeiro, entre o cidadão e o não-cidadão. Diz Derrida, “digamos sim ao que chega, antes de toda determinação, antes de toda antecipação, antes de toda identificação, quer se trate ou não de um estrangeiro, de um imigrado, de um convidado ou de um visitante inesperado, quer o que chega seja ou não cidadão de um outro país, um ser humano, animal ou divino, um vivo ou um morto, masculino ou feminino” (Apud, DUFOURMANTELLE, 2003, p. 69). Essa hospitalidade incondicional, ilimitada, absoluta, sem pacto e sem reciprocidade que advoga, utopicamente, Derrida, é o que poderia construir uma comunidade intercultural, uma possibilidade de unidades na diferença, em convivência.

Os imigrantes irregulares vivem na berlinda: desejam permanecer no país e utilizam de todas as formas para assim o fazer, porém

asbem que estão/são excluídos de direitos, são desvalorizados, não podem se opor e nem reclamar de sua situação no espaço de trabalho e de cidadania social e política; sabem que há um conjunto de fronteiras que lhes são fechadas. Nesse sentido, para os imigrantes em geral e os “indocumentados” em particular, a exclusão social em termos de acesso a posições de autonomia, a vulnerabilidade em termos de exploração e precarização do trabalho e da vida como um todo, são constantes.

No dizer de Bauman, “para habitantes do Primeiro Mundo, as fronteiras dos Estados foram derrubadas, como foram para as mercadorias, o capital e as finanças. Para os habitantes do Segundo Mundo, os muros constituídos pelos controles de imigração, as leis de residência, a política de ‘ruas limpas’ e ‘tolerância zero’ ficaram mais altos; os fossos que os separam dos locais de desejo e da sonhada redenção ficaram mais profundos, ao passo que todas as pontes, assim que se tenta atravessá-las, revelam-se pontes levadiças. Os primeiros viajam à vontade, divertem-se bastante viajando [...], são adulados e seduzidos a viajar, sempre recebidos com sorriso e de braços abertos. Os segundos viajam às escondidas, muitas vezes ilegalmente, às vezes pagando por uma terceira classe superlotada, ainda por cima são olhados com desaprovação, quando não presos e deportados ao chegarem” (1997, p. 27).

O imigrante, quase sempre tratado como mercadoria pelo capital, encontra barreiras que se fecham e se abrem em razão de conveniências e interesses. Há um conjunto em rede, muitíssimo bem articulado, que produz a indústria das imigrações, facilitando entradas, um comércio paralelo internacional muito lucrativo, escondido atrás de agências de viagens, ofícios que falsificam documentos e moradias provisórias, que são invisíveis aos olhos dos consulados, aliás, esses percebem os imigrantes principalmente os ilegais com desconfiança, desprezo, com olhar discriminatório, como sujeitos sem direitos e sem assistência (RAMOS, 2003).

O imigrante vive num horizonte de angústias: já quando parte incorpora incertezas de sobrevivência, remuneração suficiente, desejo de livrar-se de várias formas de violência e tensões de ordem física, da falta de trabalho, cidadania, de dificuldade de inclusão. Ao chegar, algumas angústias se diluem e outras surgem e/ou complexificam ainda mais as já existentes: de ter abandonado alguém, deixado responsabilidades e redes afetivas, sujeição a realizar trabalhos de baixa qualificação e reconhecimento social, sofrer doenças, demissões, deportações, morte de alguém no espaço de origem, de não encontrar trabalho, moradia, amigos, socializar-se, a língua/comunicação verbal, redu-

ção da vida ao trabalho, a condição de temporário, a incerteza de encontrar no novo país o que não realizou no de origem, estar disposto a *jogar*, a fazer valer-tudo, de ser uma “mão-de-obra genérica” (CASTELLS, 2000) que mais executa do que qualifica e inventa, longas jornadas, trabalho braçal, pouco ou nada de lazer etc.

6 Saudade e contatos

Sabemos que não é nada fácil deixarmos amigos, familiares, namorados (as); é sempre uma sensação de perda, de luto, de vazio. A “saudade bate”, rompe com o tempo e com o espaço, como que desafia as distâncias; a memória busca aproximar tempos, momentos e pessoas querendo congelá-las. “A maioria dos imigrantes vive, reside, trabalha e estrutura a vida provisoriamente em um determinado local, mas permanece com as referências de outro e, principalmente, com seus planos, desejos e aspirações ligadas ao país e ao grupo de origem, como se nunca tivesse se deslocado” (RAMOS, 2003).

A saudade é um mecanismo de defesa contra o tempo, é um desejo de eternidade, sentimento de ausência, tentativa de recuperar o que se perdeu, coberta de nostalgia, de recuperação do objeto perdido ou imagem. Esse sentimento atua no presente e influi sobre as vivências, produz sentimentos de engano, de reencontro, de sentimento de perda; por isso a idéia de “matar a saudade” (contatos, telefone, cartas), angústia e alegria pela presença da notícia, o medo de ser esquecido. Solidão, angústia e depressão são sentimentos que acompanham o distanciamento e, principalmente, a percepção do imigrante de seu desligamento do grupo original (RAMOS, 2003).

Ganhar dinheiro, muitas vezes a qualquer custo ou de qualquer maneira faz com que muitos cometam irregularidades, no limite, envolvam-se com tráfico de drogas, acabam sendo presos e/ou expatriados. Há muitos casos, nesse sentido, de brasileiros na Itália, bem como nos Estados Unidos e Inglaterra. Alterações culturais são exigidas de muitos para fazer frente e se adaptar às situações de trabalho e de vida social; realidades essas escondidas, pouco explícitas enquanto expressão das formas variadas e das artimanhas para o sustento. Há um mundo vivido que não é expresso para os seus familiares, nem amigos, nem parentes em cartas e em contatos telefônicos. Não é incomum brasileiros dormirem em *monolocales* (kitnetes) que não dão para mais de quatro pessoas, estarem ao redor de dez, dormirem em baixo da mesa, em camas de casal todos juntos. A realidade vivida no campo de trabalho como temporário, de neces-

sidade de reduzir custos, de irregular etc., produz horizontes de relações que jamais seriam concebidas se vividas no espaço de origem. Em geral, o envio de dinheiro esconde, ameniza, legitima, justifica e acomoda situações não visíveis de relacionamentos, dependências, obrigações, instrumentalização do imigrado pelos que ficam e pelos que as vivenciam.

O imigrante tem dificuldade de se socializar, não se comunitariza; o tempo livre que, em tese, poderia promover algum aspecto mais integrativo, é, em geral, desmoralizado, pois está na contramão de seus sonhos e desejos que é conquistar poupança e ganhos para retornar bem sucedido. O tempo livre é um tempo de desgosto, de gastos subversivos, que não contribui para compensar perdas e privações para si e no espaço de origem. Trabalhar sempre passa ser um desejo, um desafio, uma compensação, uma obrigação, uma válvula de escape em relação a saudade e a tristeza. Esse pragmatismo do tempo em relação ao trabalho, implica em abrir mão de um conjunto de elementos em vários campos, mas principalmente os da sociabilidade, afetividade e solidariedade, ainda que se sabe que o imigrante é um ser de fragilidade, por isso a necessidade de solidariedade lhe é quase que inerente. Muitas redes que se constituem lhe dão suporte nesse sentido. Muitos competem entre si e possuem códigos de ética preestabelecidos, sendo que quando um indivíduo rompe com um grupo por conflitos diversos, é possível que se estabeleça em outro; desenvolvem-se idéias de competição e de perseguição em meio as redes de solidariedade (RAMOS, 2003).

Imigrantes imaginam e são informados de que o se sentir italiano por ser descendente ainda que de gerações distantes, a confiança no saber dialetal e sua capacidade de comunicação, bem como na confiança e na consciência de que basta a vontade de trabalho que os caracteriza como italianos, sejam suficientes para se inserir e “se dar bem na Itália”. A questão dos limites da língua faz aceitar qualquer trabalho, trabalhar bastante para mostrar que mesmo sem saber falar a língua, imigrantes dão conta do recado; uma espécie de compensação (SALES, 1999).

Outro aspecto inevitável num processo de migração é a relacionalidade, ou seja, um mínimo de comunicação, de troca entre as duas sociedades. Aqui também as formas de vida vividas antes e as de agora, em interação, são determinantes para ajuizar conexões, sobre-determinação de uma sobre a outra. É comum nas respostas dos entrevistados a manifestação de que “aqui não é vida”; “vida é no Brasil”; “aqui só se trabalha”; “diversão nenhuma”; “indicaria sim alguém para

vir, mas sabendo que aqui vai sofrer e não pode contar com ninguém”; “lá (no Brasil) se tinha amigos”. Ao mesmo tempo que ouvimos esse tipo de resposta e comentários, é comum perceber o sentimento de contentamento, ao final do dia de trabalho, em dizer que fez tantas horas e que “deu tanto, se fosse no Brasil levaria um mês para ganhar o que ganho num dia aqui”. Essa relação de pertencimento e de racionalidade define também formas de inserção, de gerir sua identidade em razão de um *antes* e um *agora* em termos de reciprocidade, de confiança, de marginalização, de distanciamento, de encontros e confrontos, de autodefesas, de integração sob o plano cultural.

Algumas cartas que conseguimos tanto na Itália junto a imigrantes, quanto em visitas a familiares em Pato Branco (PR), Dois Vizinhos (PR), Joaçaba (SC), Luzerna (SC), Água Doce (SC), Veranópolis (RS) e Getúlio Vargas (RS) bem como as que recebemos, via postal, enviadas por pais de imigrantes de algumas regiões do sul do Brasil, revelam muita emoção, saudades, alegrias, tristezas, relatos de cotidianos vividos, percebidos e concebidos, pedidos, ressentimentos, aspectos em torno dos desafios enfrentados, desencantamentos, conflitos e desafios, esses sempre com a companhia da superação.

A dimensão da saudade é muito forte e está presente em praticamente todas as cartas e cartões postais encontrados. Aliás, vimos que algumas correspondências não vão além de outro conteúdo que não seja a manifestação da saudade. Isso revela fortes vínculos entre quem migra e quem fica.⁷ “Estou com muita saudades de você”, “não agüento de tristeza quando chego em casa e começo a pensar em vocês aí”; “os domingos são tristes, dá uma saudade de tá aí”; “tenho saudade de jogar bola, aqui não tem como jogar, de tomar umas com amigos”; “me lembro sempre da cama lá de casa, aqui a peça é de 5x5, tem a cozinha, geladeira, banheiro e sofá, eu durmo em colchão no chão, outros no sofá, damos um jeito”; não é que nem aí, aqui é diferente, sinto saudade, mas sei que vou voltar e viver isso tudo de novo”; “tenho tomado vinho tipo bicho, onde trabalho todo dia tomamos 5-6 litros, como em 7 que trabalhamos nos parreirais, são 5 italianos, um marroquino e eu. Aqui até a água pra tomar você tem que comprar no mercado, a água da torneira é calcárea. [...] A distância pode nos causar saudades, mais jamais o esquecimento”; “carrego a foto dela pra não esmorecer”; “escrevo pra te dizer que

⁷ O auxílio de mediadores, emigrantes já conhecidos na Itália e que retornaram por ocasião das festas de final de ano, foi fundamental nesse sentido. Conseguimos um vasto material. Preferimos não identificar os autores, nem dar um nome fictício, apenas indicaremos algumas frases e as idéias gerais que perpassam essas correspondências.

estou com muita saudade de vocês, todos. [...]. Aqui tudo pra mim é novidade e diferente, tudo muito antigo, os costumes são diferentes dos nossos. [...]. Sinto muita saudade de voltar, mas esse final do ano não vou passar aí porque a passagem é cara, preciso trabalhar um mês pra comprar, mais dois meses que fico aí, o que eu gasto são praticamente 4 a 5 meses que eu deixo de ganhar. [...], já tirei bastante fotografias e vou mandar pra vocês matar a saudade e me mandem alguma coisa pra matar a minha”; “não vão demolir a casa antes de eu voltar, to com saudade dela”; “estou me virando, trabalho num frigorífico igual a Sadia. [...]. As coisas aqui são todas diferentes daí. Onde eu trabalho tem gente da África, Romênia, Malta, tem umas oito nacionalidades. O pessoal na rua não te dá muita atenção se não fala italiano. [...]. Já fiz amizades com outros brasileiros que trabalham por aqui; já tirei um monte de fotografia porque onde eu olho é tudo novidade”; “A saudade aperta o coração da gente [...]. Durmo sempre pensando no [filho]. Sei que só fiz coisa errada até hoje, mas sei que vou me ajeitar e volto pra compensar isso. Agüentam as pontas aí que aqui non tá fácil ma vamo superando. [...]. Um dia ele vai fica sabendo de tudo e vai saber valorizar a mãe e o que to passando aqui. A saudade que sinto não tem mais preço”.

Outros revelam que “aqui tudo é dinheiro, tudo se paga, se paga pra alguém que te diz onde tem algum bico pra fazer, o que não se paga é a saudade que sinto do [filho] e de vocês tudo”; “antes de dormir sento na cama e choro um pouco, daí a saudade dói menos, só assim durmo, choro e durmo, é sempre assim; a noite é uma tristeza porque não tenho ninguém por perto, ninguém pra conversar, sair conversar com alguém não sei falar italiano, brasileiro tem, mas do jeito que eles vivem não me fido e ficam te dando em cima. Um dia eu supero, só que daí já to de volto e sei que não vai demorar muito tempo, se não fosse pro dinheiro amanhã já tava aí”; “Só vou tá realizada aqui quando conseguir trazer meus dois filhos, chega de sofrimento meu e de vocês aí. [...]. A saudade me diz que amo vocês todos sempre mais”.

A saudade é o ponto central que alimenta e justifica as correspondências, alimenta contatos, encurta distância, sua manifestação “faz aliviar a alma e nossa consciência pesada por termos deixado longe quem a gente mais amava” nos disse uma brasileira; faz reconhecer vínculos profundos no âmbito familiar – “aqui é que se damos conta que temos uma família, que temos amor pelo Brasil, engraçado porque uma italiana, onde trabalho, esses dias me perguntou se nós brasileiros não temos uma comunidade, um grupo de amigos que a gente possa tá junto e, eu fiquei pensando e disse que aqui a gente

passa a gostar e sentir saudade do Brasil e odiar os brasileiros. Acho que não estou errada, pois todos aqui só pensam em dinheiro, eu mesmo acho que brasileiro é o que menos te ajuda”.

Sobre o tema trabalho, muitas correspondências revelam o desencanto em relação às informações previamente recebidas; manifestam dificuldades, maus tratos de italianos, remuneração baixa, concorrência e falta de confiança entre brasileiros. Ao mesmo tempo, muitos terminam o assunto falando em superação, em tentativa de melhora para o futuro próximo. Das seis cartas que relatavam sobre o tema trabalho, não existia nenhuma que manifestasse tranquilidade e facilidade tanto na descoberta de trabalho quanto de sua efetivação, porém, em quatro delas, a satisfação pela remuneração era visível; inclusive uma delas manifestava a intenção de, “se continuar desse jeito”, mandaria mais dinheiro para mulher e para comprar um carro.

O campo da afetividade como conteúdo das correspondências é muito amplo e intenso. Declarações são expressas em escritos de correspondência que, imaginamos, não eram comuns no cotidiano de convivência entre os indivíduos no interior da família principalmente a camponesa.

O aspecto dos investimentos, da canalização do dinheiro enviado, da promessa de sua ampliação e/ou redução, essa em razão de desemprego, de redução de remuneração, de atividades *part-time* etc, fazem parte de todas as cartas, mesmo as primeiras recebidas. Parece que a questão do envio de dinheiro encobre, suprime, justifica, legitima, compensa, desnegativiza situações vividas anteriormente, situações presentes, conflitos na decisão de partir, na redefinição ocorrida no seio familiar etc. É difícil fazer conjecturas sobre esse desejo de enviar ou de fazer promessa de envio, o que podemos dizer é que o mesmo está presente nas correspondências.

Sobre as imagens reveladas em torno também das representações existentes previamente sobre a Itália, variam muito. Alguns relatam viagens pela região do Vêneto (Veneza, Verona e Padova), outros para Milão, alguns para Firenze e Roma), outros falam dos castelos, dos prédios antigos, da casa da Julieta, da Arena de Verona, da Igreja de Santo Antônio em Padova etc; porém, não são tão dinamizados nas cartas, o que, acreditamos, revelam o pouco envolvimento dos imigrantes com o turismo, com o desembolso financeiro para viagens no tempo livre, falam que não viajam para não gastar, mas que um dia querem “aproveitar isso”.

Em geral, falam de uma Itália muito bonita – “que vocês deveriam tá aqui pra ver” – que “precisaria muito tempo e também dinheiro pra ver o que tem aqui perto”, porém a Itália do cotidiano, ou seja, aquela da vida funcional (trabalho, aluguel, alimentação, convívio interétnico etc), não é expressa com tanta veemência em termos de positividade e beleza. Aspectos em torno do sofrimento, sacrifício, enfrentamento, muitos fazem apologias dos desafios (em termos de compreensão da língua, da comida, da dificuldade de alugar e de conviver), são comuns e expressam, com exagero ou não, o novo a ser enfrentado, a identidade de um imigrante e os desafios que a realidade em si apresenta.

Acreditamos que muito do que foi construído acerca do que encontraria na Itália antes de partir em termos positivos, altera-se com a inserção e sistematização no espaço hospedeiro, pois os imigrantes percebem que a língua é outra, os tratamentos, os reconhecimentos, a lógica desmesurada das ações produzidas pela centralidade do dinheiro e sua consequência, o lucro; desconhecem o cenário e a cultura do país, os fluxos de imigrantes e o processo de concorrência entre ambos; muitos - a maioria - chegam sem emprego estabelecido e vão entendendo desde já quais serão seus possíveis espaços de trabalho: limpeza em casas de família, prédios; cuidar de pessoas idosas e/ou no, limite, crianças; ajudante de cozinha e de limpeza em restaurantes, no limite, como garçom; construção civil na forma de como auxiliar – se há já um saber comprovado, podem se tornar pedreiro e/ou carpinteiro; agricultura no trabalho braçal – colheita, capina, montagem de parreirais, nos aviários e estábulos, na plantação de cereais (milho e trigo); espaços submersos como prostituição e casas de espetáculo principalmente para jovens moças.

Já vimos, então, que as cartas estão em desuso, foram, em muito, substituídas pelo telefone e, em segundo plano, pela Internet (essa principalmente para os originários do meio urbano). No entanto, as mesmas ligam fragmentos de tempos, revelam subjetividades (dos sujeitos e das migrações), projetos, sonhos, problemas relacionados com âmbitos mais genéricos da migração como moradia, trabalho, conterraneidade, investimentos, coisas que ficaram, dramas individuais; alguns imigrantes descrevem a cidade, os problemas enfrentados para a legalização, para encontrar trabalho; a grande maioria diz que relata o próprio trabalho, falam da saúde, da solidão provocada pela distância e pela ausência de amigos, pela falta de confiança entre brasileiros, mesmo entre conhecidos e vizinhos do Brasil, de uma comunidade para lazer.

Sabemos que a imigração como novo projeto de vida causa grandes traumas. Não é simples lidar com novos códigos e valores culturais e lingüísticos, expor sua situação de necessitado (simplesmente de migrante) e sujeitar-se a processos de dependência (um brasileiro me disse que “dá raiva porque eles pensam que tu deve fazer o que eles querem, por que tu no Brasil passava fome; eles imaginam isso, que tu seja igual aos africanos; te fazem pouco” referindo-se ao seu chefe no ramo da construção civil), a estigmatização de ser imigrante, pobre, em muitos casos, clandestino, de não conseguir lançar mão de estratégias eficazes de auto-proteção para justamente encobrir esses limites, essa rotulação que o reduz em termos de identificação social e de auto-estima.

7 O horizonte das redes

A dinâmica das redes agrega um conjunto de fatores informais, mas que, no fundo, já se tornam *estruturantes* no campo migratório internacional. Sabemos que as mesmas não explicam tudo e nem são expressivas de uma causalidade do fenômeno, porém auxiliam na compreensão de um processo que cimeta relações, decisões, obrigações (dívidas e dádivas), responsabilidades, dependências e na definição da performance pública do imigrante.

As redes revelam que as migrações não podem ser unicamente consideradas como simples êxito de decisões econômicas no âmbito das leis de oferta e procura, talvez estejam em correspondência, imbricadas a esse processo (ASSIS, 1999). Essa situação toda pode ir se alterando em razão dos vínculos que os migrantes constituem; daí a importância dos canais institucionais ou não de inserção. Sabemos que as migrações constituem uma fonte de mudança social, mas também um efeito, principalmente porque são duas áreas (espaços sócio-culturais e físicos) em questão: a de saída e a de chegada. As decisões de emigrar não se processam num vazio de relações sociais (AMBROSINI, 2000).

Nunca podemos esquecer que os imigrantes desenvolvem um papel ativo na sociedade de origem e na de destino; há custos/benefícios, incorporação de capital social, experiências, rupturas, saberes, reconhecimento e olhares externos e internos; as mesmas lubrificam o campo da mobilidade social e espacial – fundamental no cenário pós-fordista -, produzem relações heterogêneas, flexíveis e com objetivos diversos; agem quase que a margem e, ao mesmo tempo, em correspondência/contraposição às ações públicas referentes ao campo migratório principalmente em torno de processos normatizadores, de integração,

de inclusão e algumas vezes correndo riscos ou promovendo *gueticização* e de integração subalterna.

É por isso que, mais recentemente, está em evidência no campo de análise social a perspectiva das redes étnicas, as quais possuem vínculos pessoais e familiares. As redes mostram-se em mercados de trabalho não mais favoráveis, mas que possuem pontos de referência de amigos, parentes e os que permanecem na região de origem (FUSCO, 2001). As decisões dos grupos sociais, os quais, em conjunto, contendo indivíduos e grupos distribuídos em espaços diferentes, maximizam as suas oportunidades econômicas mediante formas variadas de transferências que se retroalimentam (parentesco, apoio na viagem, alojamento, busca de trabalho, amenização da dificuldade de ambientação), ao mesmo tempo, poderão amenizar a instabilidade, a precariedade e a dificuldade econômica dos que permanecem nos locais de origem; vinculam migrantes e não-migrantes; produzem e re-produzem relações sociais, orientam/motivam migrações para um lugar e não para outro, veiculam um consistente fluxo de imigração irregular e ilegal, alimentam um mercado submerso de trabalho em correspondência com as dinâmicas pós-fordistas de flexibilidade, informalidade, desregulamentação pública e jurídica do trabalho. Para ilustrar, segundo Stalker (2003), em 1990, 30% dos brasileiros emigrados para o Canadá eram hospedados por amigos, e 20% por parentes. Nesse sentido, as redes relacionais favorecem a inserção no local e em determinadas atividades laborais.

Muitos migrantes só conseguem migrar porque sabem que podem contar com um ponto de apoio, seja de conterrâneos, parentes, amigos e família; relação essa baseada numa espécie de dádiva, de *economia moral* que alimenta também as migrações em suas relações mais de fundo tais como a troca, reciprocidade, solidarismo, informação, obrigações, alteridade, gratificações, sentimento de reconhecimento, sentido de identificação social, etc. (SALES e REIS, 1999). Não há dúvida que as mesmas não se bastam a si mesmo, exigem, sim, confiança, unindo origem e destino.

8 Enfim

Vimos que no mundo contemporâneo, a emigração converteu-se em um projeto de vida para muitas pessoas. No caso brasileiro, não é incomum essa percepção da emigração como alternativa de sobrevivência e ascensão social. A possibilidade de enviar remessas, mobilidade social e econômica, novas aprendizagens e experiências,

status social no local de destino, dentre outros aspectos de ordem subjetiva, motivam o horizonte da migração internacional no cotidiano de populações.

Estudos demonstram que no local de destino, imigrantes podem ajudar a melhorar a qualidade de vida, baratear custo de produção de determinados produtos e permitir melhor performance de mercado, pode revitaliza sociedades envelhecidas, aliviam a escassez de mão-de-obra em setores essenciais em nativos não querem trabalhar (ex. cuidar de velhos), incorporam qualificações de trabalhadores sem custo internalizados, expandem a base de consumidores e de contribuintes, reativação da economia e para a própria geração de empregos, acabam aumentando a produtividade, melhorando a capacidade da localidade de custear os gastos de infra-estrutura e serviços.dentre uma série de outros aspectos (MARTINE, 2005).

As redes sociais migram também, pois laços são conservados em co-presença de território regionais. Elas são sempre representadas por um conjunto de pessoas e suas obrigações podem estar no país hospedeiro como no espaço de origem, por isso alimentam-se de simbologias e representações em torno de obrigação e dádiva. A natureza dos laços é variável, porém a amizade e o parentesco, em geral, promovem trocas de bens simbólicos ou materiais, bem como afetivos. Essa é uma questão interessante, pois muitos dos que migram, principalmente os descendentes -*oriundi*-, pois imaginam fácil adaptação, idealizam uma Itália congelada em sua representação produzida por seus avós, uma espécie de retorno à casa, porém é uma volta dos que não foram, pois os contextos são distintos e, a imagem produzida identifica, na prática, um local nunca estado antes.

No campo mais estrutural e político, para o país hospedeiro, a emigração é vista como uma ameaça que não pode ser evitada de forma tradicional, como agenda de segurança, militarização de fronteira, como muro erguido contra os pobres. A consolidação de um espaço de segurança regido por determinadas regras onde os indivíduos têm determinados direitos reconhecidos, parece caminhar de mão dada com a estigmatização de determinados países e pessoas como ameaças, o que justificaria a limitação de suas liberdades e seus direitos.

Referências

AMBROSINI, M. *Utili invasori*. Milano: Franco Angeli, 1999.

_____. L'inserimento economico degli immigrati in Italia. In: BASSO, P; PEROCCO, F. **Immigrazione e trasformazione della società**. Milano: Franco Angeli, 2000a.

_____. Migrazioni internazionali, reti etniche e mercato del lavoro: per una revisione degli approcci teorici e delle letture correnti. In: SCIDA, G. (a cura di). **I sociologi italiani e le dinamiche dei processi migratori**. Milano: Franco Angeli, 2000b.

_____. **La fatica di integrarsi**. Bologna: Il Mulino, 2001.

_____. Dopo i processi spontanei: per un incontro tra domanda di lavoro italiana e offerta immigrata. In: BACCI, M. L. (a cura di) **L'incidenza economica dell'immigrazione**. Torino: Gaipichelli, 2005. p. 357-382.

ASSIS, D. de O. Estar aqui, estar lá: uma cartografia da emigração valadarense para os Estados Unidos. In: SALES, T.; REIS, R. R. **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 125-166.

AVENS, R. **Imaginação é realidade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

BACZKO, B. A imaginação social. In: **Enciclopédia EINAUDI**, v.5, *Anthropos-Homem*, Portugal: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BASSO, P. Dalle periferie al centro, ieri e oggi. In: _____; PEROCCO, F. **Immigrazione e trasformazione della società**. Milano: Franco Angeli, 2000.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CARITAS ROMA. **Dossier Statistico**. Roma: 2005.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

DAL LAGO, A. **Non-persone**: l'esclusione dei migranti in una società globale. Milano: Feltrinelli, 2002.

DUFOURMANTELLE, A. **Da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

ELIAS, N; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FAINI, R. Migrazioni, crescita e benessere economico. In: BACCI, M.L. (a cura di). **L'incidenza economica dell'immigrazione**. Torino: Gaipichelli Editore, 2005. p. 169-183.

FUSCO, W. **Redes sociais na migração internacional**: o caso de Governador Valadares. Campinas: Unicamp, 2001. Dissertação.

GIUSTINIANI, C. **Fratellastri d'Italia**. Roma-Bari, 2003.

GOLINI, A. Politiche migratorie. In: BACCI, M. L. (a cura di). **L'incidenza economica**. p. 283-320.

IANNI, O. **Enigmas da modernidade-mundo**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.

- JORNAL **Folha de São Paulo**. São Paulo, 04 jul., 2004.
- JORNAL **Zero Hora**. Porto Alegre, 20 jun., 2007.
- KOLTAI, C. **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta, 1998.
- LEVINAS, E. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.
- MARTINE, G. A. Globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. **São Paulo em Perspectiva**, v.19, n. 3, p. 3-22, jul./set. 2005.
- MELOTTI, U. **Immigrazioni internazionali: globalizzazione e culture politiche**. Milano: Mondadori, 2004.
- PALIDDA, S. Devianza e vittimizzazione. **Fondazione Cariplo-Ismu: quarto rapporto sulle migrazioni**. Milano: Franco Angeli, 1998.
- PASTORE, F. **Dobbiamo temere le migrazioni?** Laterza: Roma-Bari, 2004.
- RAMOS, P. S. **Hospitalidade e migrações internacionais: o bem receber e o ser bem recebido**. São Paulo: Aleph, 2003.
- SALES, T. Identidade étnica entre migrantes brasileiros na região de Boston, EUA. In _____; REIS, R. R. (Org.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999, p. 17-44.
- STALKER, P. **L'immigrazione**. Roma: Carocci, 2003.
- VITIELLO, M. Gli immigrati tra lavoro e devianza. In: PUGLIESE, E. **Rapporto immigrazione: lavoro, sindacato, società**. Roma: Ediesse, 2000.
- ZINCONI, G. (a cura di) **Familismo legale: come (non) diventare italiani**. Roma-Bari: Laterza, 2006.

João Carlos Tedesco
E-mail: jctedesco@upf.br

Artigo recebido em maio/2007.
Aprovado em julho/2007.